

#### 4.2.1.3 Coleção *Português – Leitura, Produção, Gramática*

*Leila Lauar Sarmento*

Editora Moderna



Essa coleção foi inscrita nas edições do PNLD da forma organizada na tabela abaixo, com as respectivas menções:

<b>Ano</b>	<b>Título</b>	<b>Editora</b>	<b>Menções</b>
1999	Português na escola	FTD	RR, RR, RR, RR
2002	Português na escola	FTD	EX
2005	Português – Leitura, Produção, Gramática	Moderna	AP
2008	Português – Leitura, Produção, Gramática	Moderna	AP

Analisando os comentários feitos nas resenhas<sup>27</sup>, por componentes de ensino, temos:

##### 1) *Estudo do texto / Leitura:*

O estudo do texto é pontuado negativamente nas resenhas de 1999 e 2005.

Em 2008 há uma sensível melhora neste componente em relação aos anos anteriores:

As atividades de leitura são precedidas por um trabalho de contextualização e antecipação, isto é, o aluno é conduzido a refletir sobre o tema a ser discutido e, algumas vezes, sobre certas características do gênero em estudo, o que estimula o posicionamento crítico e um maior envolvimento do aluno. (Guia/2008: 66-67)

Em todas as unidades existem os tópicos *Conversa sobre o texto* e *Extrapolação das palavras*, conforme o exemplo abaixo:

<sup>27</sup> Não houve resenha no ano de 2002, porque a coleção, neste ano, foi excluída.

**Conversa sobre o texto**

Você acredita em Mula-sem-Cabeça ou em algum outro personagem de nosso folclore? Converse com um colega da classe e justifique sua resposta.

Você acha que alguém, um dia, poderá libertar a Mula-sem-Cabeça de seu encantamento? Como seria possível aproximar-se dela?

Quanto ao Curupira, podemos dizer que ele é um personagem do mal? Por quê?

**Extrapolção das palavras**

O folclore é importante na cultura de um povo? Por que devemos preservar nosso folclore?

(5ª série, p. 47)

Desde a primeira resenha, em 1999, os pareceristas apontam que a intertextualidade está presente na coleção, mas que não é explorada.

### 2) Produção escrita:

A produção escrita nesta coleção vem melhorando gradativamente de uma edição para a outra.

Em 1999 esse componente de ensino foi analisado negativamente, uma vez que não havia suporte à produção textual, com indicação dos elementos constitutivos – destinatários, contextos de produção, linguagem, gênero etc. Assim, o texto produzido fica com uma circulação restrita à sala de aula, tendo como único leitor o professor.

Em 2005, houve uma melhora desse componente em relação à anterior. Começa-se o trabalho de produção textual com gêneros diferentes. Há uma circulação maior do texto, ainda que restrita à sala de aula, uma vez que é proposta a troca de textos entre os alunos.

A proposta de revisão e reescrita do texto aparece pela primeira vez na resenha do Guia 2008.

### 3) Conhecimentos Lingüísticos:

Esse componente foi avaliado como insatisfatório, mas não incorreto, na coleção de 1999.

Nas duas coleções mais atuais, ele é tido como um ponto negativo da coleção. Acompanhando as orientações teóricas mais recentes, a partir de 2005 a coleção pauta-se pela gramática textual. Mas a ênfase é na transmissão da nomenclatura gramatical. Infere-se, portanto, a partir da leitura das resenhas, que, nesta coleção, o texto é apenas um pretexto para análise gramatical.

#### 4) *Atividades orais / Linguagem oral:*

A linguagem oral não é tomada como objeto de ensino. O que a coleção apresenta são atividades orais superficiais, restritas a discussões em sala sobre o tema abordado nos textos. Em alguns casos, a motivação para a discussão oral são frases retiradas dos próprios textos da unidade.

Nesse componente, a coleção inscrita em 2005 melhorou em relação à de 1999, pois traz uma seção específica, embora insuficiente, de trabalho oral.

Mesmo na coleção mais recente, de 2008, as atividades orais giram em torno de propostas de debates para interpretação e discussão do texto lido na lição e não como modalidade da língua a ser ensinada e refletida.

O **manual do professor** da coleção inscrita em 1999 foi julgado deficiente, por ser, basicamente, uma cópia do livro do aluno com respostas dos exercícios. A resenha chega a dizer que ele “*é igual ao do aluno, exceto por fornecer as respostas dos exercícios*” (Guia 1999: 84) e por apresentar, em apêndice, uma explicação da obra, com sugestões de atividades e indicação bibliográfica para o professor. A resenha de 2005 diz apenas que ele apresenta os pressupostos teórico-metodológicos da coleção de maneira muito breve. A resenha de 2008 já diz que o manual é claro ao apresentar as bases teórico-metodológicas da proposta pedagógica da coleção e por trazer sugestões de livros que podem contribuir para a formação continuada do docente, o que revela uma melhora considerável em relação às versões anteriores. A única ressalva relaciona-se à não-apresentação de critérios que subsidiem o trabalho de avaliação por parte do docente.

#### **No PNL 2008...**

No que se refere ao trabalho com a **variação lingüística**, a coleção usa a terminologia *adequado/inadequado* no lugar de certo/errado. O trabalho com a linguagem é pautado no texto analisado e as variedades lingüísticas são apresentadas como objetos

de reflexão para o aluno, que deve identificá-las como adequadas ou não, considerando o contexto em que o texto foi produzido.

Observemos o seguinte exemplo:

## Linguagem e interação



- 1 Leia a seguir um trecho de uma entrevista de Gabriel O pensador para a revista *Todateen*, voltada para o público feminino e adolescente.

**Todateen:** Tem alguma loucura de fã que marcou você?

**Gabriel:** Tem, lembrei de um que eu fui lançar meu livro de poemas em Portugal, aí fizeram uma fila pra eu autografar o livro. Veio um cara com uma amiga, a amiga falando por ele: “Olha, ele quer seu autógrafo, ele adora suas músicas”. Aí eu perguntei de onde que ele era, por que tava falando só ela, aí ela falou: “Ele é mudo”. “Mas ele é surdo?” “Ah, é surdo também.” Aí, cara, viajei nisso, achei o maior barato, o cara me acompanha pelas letras. Ele me deu um bilhete que era tudo rimando e era emocionante. E ele ficou na memória. Depois ele contou que consegue sentir o grave das músicas e ele aprendeu a cantar. Não lembro como era a parada, ele era mudo, mas conseguia fazer certinho.

*Todateen*, nº 19, out. 2005. (Fragmento).

- Na sua opinião, a linguagem empregada no texto está adequada? Justifique sua resposta.

Resposta pessoal. Espera-se que o aluno conclua que sim, pois foi empregada linguagem informal, já que apresenta gírias e contrações, e o contexto, entrevista em uma revista feminina para adolescentes, permite esse emprego.

- 2 Essa entrevista apresenta linguagem informal. Veja algumas expressões que comprovam isso:

- a repetição da palavra “aí”.
- a contração de verbos: “tava”.
- a contração “pra”.

- Converse com seus colegas e procurem se lembrar de mais uma expressão ou palavra que se costuma empregar na linguagem informal.

Resposta pessoal. Sugestões: “ce” no lugar de você, “né”, vê, falou, etc.

- 3 Com que significados a palavra “cara” é empregada no texto?

Com o significado de sujeito.

- Gabriel foi entrevistado por Ana Alice Gallo. A palavra cara, portanto, foi empregada para referir-se tanto a um homem como a uma mulher. Discuta com seus colegas: por que esse emprego é adequado nesse contexto?

Espera-se que os alunos percebam que cara é empregado como uma gíria.

- 4 Você conhece o significado das gírias empregadas no texto? Discuta com seus colegas o significado, no texto, das palavras a seguir.

- “Viajei”
- “Barato”
- “Parada”



Gostei, fiquei feliz; sensação boa, de prazer; situação ou coisa boa, interessante (o som que o garoto produzia).

O exercício 4 pergunta quais são os significados que certos vocábulos têm no texto lido. No entanto, o exercício 3, por exemplo, espera que o aluno responda com um conceito gramatical. Além disso, a resposta sugerida para o professor não está completa, porque omite a função de vocativo da gíria “cara” em “*Aí, cara, viajei nisso (...)*”.

A coleção valoriza o conhecimento extra-escolar do aluno, quando pede para ele se lembrar de outras expressões usadas na linguagem informal, ou quando pergunta, no exercício 4, se o aluno conhece o significado de algumas gírias.

A coleção também trata das diferenças entre as modalidades oral e escrita de forma interessante. A linguagem formal e a informal estão presentes tanto na escrita quanto na fala. Dessa forma o aluno é orientado a não pensar que a fala é o único lugar em que a língua varia, mas que em ambas as modalidades os falantes percorrem o *continuum* da monitoração estilística – do mais informal até o mais formal – de forma a se adequarem ao contexto de produção. Há, no entanto, uma equiparação indevida entre “linguagem formal” e “linguagem culta”, desconsiderando o fato de haver “linguagem culta” – enquanto a variedade lingüística de indivíduos urbanos com formação superior completa – informal também. Vejamos como isso é apresentado na coleção:



# Linguagem

## Linguagem oral e linguagem escrita

Todas as sociedades humanas fazem uso da linguagem oral, mas nem todas desenvolvem um sistema de escrita. As primeiras manifestações da escrita apareceram apenas cinco ou seis mil anos atrás.

A escrita, porém, não é a reprodução fiel da fala. Levou um bom tempo até que se descobrisse como registrar, por meio da escrita, idéias e conceitos que já tinham expressão na oralidade. O aparecimento de expressões como **apesar de**, por exemplo, exigiu um processo lento e até complexo.

Há sempre uma parte do curso de língua portuguesa voltada para a produção e a análise de textos orais e escritos. Não basta saber falar ou escrever para nos comunicarmos bem: é importante conseguirmos adequar o texto oral ou escrito ao contexto para o qual é produzido. Independentemente de ser oral ou escrito, um texto poder ser mais ou menos formal, pode seguir uma variedade regional ou a variedade padrão. Por exemplo, se estabelecemos um diálogo com uma criança, empregamos uma linguagem informal ou coloquial; mas, em conversa com uma autoridade ou em uma entrevista para um emprego, usamos uma linguagem formal ou culta.

A fala, assim como a escrita, é planejada. Um profissional, para fazer uma palestra, por exemplo, precisa preparar sua fala, decidir o que será dito e de que forma será dito, e se usará recursos gráficos como *slides*, para complementar sua fala.

A construção dos sentidos, na linguagem oral, é feita também por meio de gestos, da entonação, das pausas. Na linguagem oral, o interlocutor está presente e, na escrita, não está. Na linguagem escrita, é necessário antecipar as dúvidas e reflexões do leitor para que todas as referências necessárias à compreensão estejam presentes no texto.

...ssimos e  
om enorme sa  
aqui presentes  
radecer també  
elente partici



**3** Você e seus colegas vão observar alguns exemplos de fala em contextos formais e informais. Siga as instruções.

- a) Sob orientação do professor, reúna-se em grupo com alguns colegas.
- b) Cada grupo deverá gravar um trecho de fala. Escolha uma das situações de fala a seguir:
  - um âncora de telejornal;
  - um repórter de um telejornal;
  - uma pessoa anônima entrevistada na rua em um telejornal;
  - um político ou representante de alguma organização entrevistado em um telejornal;
  - uma transmissão de jornal pelo rádio;
  - um locutor de uma rádio em que a programação seja voltada para jovens;
  - um locutor de uma rádio que esteja falando a respeito de esportes;
  - duas ou mais pessoas em uma conversa informal;
  - duas ou mais pessoas em uma conversa formal;
  - um professor que esteja explicando alguma matéria.
- c) Feitas as gravações, cada grupo analisará a fala registrada e procurará observar suas características.
- d) Cada grupo apresentará a sua gravação e as observações em dia combinado com o professor. Todos os grupos devem fazer comentários por escrito a respeito das gravações feitas pelos colegas, estabelecendo comparações.

(6ª série, p. 258)

Com relação ao **pronome** *you*, a coleção o apresenta de forma muito confusa. No volume da 5ª série, o pronome *you* não aparece dentro do quadro dos pronomes pessoais. Mas, logo abaixo desse quadro, na *Observação b*), o pronome *you* aparece sem qualquer comentário ou explicação por parte da autora.

Veja o quadro dos pronomes pessoais.

Pronomes pessoais		
	Retos	Oblíquos
1ª pessoa do singular	eu	me, mim, comigo
2ª pessoa do singular	tu	te, ti, contigo
3ª pessoa do singular	ele (ela)	o, a, lhe, se, si, consigo
1ª pessoa do plural	nós	nos, conosco
2ª pessoa do plural	vós	vos, convosco
3ª pessoa do plural	eles (elas)	os, as, lhes, se, si, consigo

### Observação:

Algumas dúvidas são comuns na hora de empregar os pronomes pessoais.

a) As flores são **para mim**.

As flores são **para eu** oferecer a você.



b) Este assunto será resolvido **entre mim e ti**.

Sempre houve confiança **entre mim e você**.

c) — **Vossa Senhoria** viaja hoje? (trato direto)

**Sua Senhoria** viajou hoje. (trato indireto)



(5ª série, p. 248)

E logo na página seguinte, o pronome *você* é apresentado como um pronome de tratamento, acompanhado de uma explicação incoerente, limitando o uso do *você* ao contexto familiar. Além disso, classifica *Vossa Excelência* e *vocês* como “2ª pessoa do plural”, o que só é correto do ponto de vista pragmático-semântico, mas não do ponto de vista morfosintático, uma vez que o próprio fato de tais pronomes levarem o verbo para a 3ª pessoa demonstra que eles têm a dupla característica de serem pragmático-semânticamente de 2ª pessoa, mas morfosintaticamente de 3ª.

Observe:

Vossa Excelência **concederá** entrevista à Imprensa?

2ª pessoa  
do singular

3ª pessoa  
do singular

Agora só vocês **se preocupam** com minha felicidade.

2ª pessoa  
do plural

3ª pessoa  
do plural



### Observação:

O pronome **ocê(s)** é usado no trato familiar, e tem sua origem na forma **Vossa Mercê**, raramente empregada nos dias de hoje.

(5ª série, p. 249)

Percebemos que a coleção tenta adequar-se aos usos reais da língua, mas, ao se prender às normatizações da gramática, deixa de abordar coerentemente questões importantes, já assimiladas no português do Brasil – como o uso de *ocê/ocês* como pronomes pessoais retos de 2ª pessoa do singular/plural.

#### 4.2.1.4 Coleção *Português – Idéias & Linguagens*

**Dileta Delmanto**

**Maria da Conceição Castro**

**Editora Saraiva**



Essa coleção foi inscrita nas edições do PNLD da forma organizada na tabela abaixo, com as respectivas menções:

<b>Ano</b>	<b>Título</b>	<b>Editora</b>	<b>Menções</b>
<b>1999</b>	Português – Idéias e Linguagens	Saraiva	RR, RR, RR, RR
<b>2002</b>	Português – Idéias e Linguagens	Saraiva	RR
<b>2005</b>	Português – Idéias e Linguagens	Saraiva	AP
<b>2008</b>	Português – Idéias e Linguagens	Saraiva	AP

Analisando os comentários feitos nas resenhas, por componente de ensino, temos:

*1) Estudo do texto / Leitura:*

Esse componente de ensino foi criticado nas duas primeiras edições do PNLD e elogiado nas duas últimas.

As resenhas de 1999 e de 2002 dizem que as atividades de leitura são repetitivas e que desconsideram a opinião e reflexão do aluno-leitor. Essas atividades orientam a uma leitura linear e se concentram na localização de informações explícitas e nas transcrições fiéis do que o texto diz.

A partir do PNLD/2005, a coleção parece mudar de postura e aprimorar o trabalho com a leitura. A resenha de 2005 (p. 175-176) diz que as atividades de leitura, além de variadas, claras e pertinentes, retomam o contexto de produção textual constantemente, *“levando ao aluno informações importantes sobre seu autor, assunto, época. São sempre explicitadas as finalidades de leitura, que são fundamentais para o aluno desenvolver estratégias de leitura”*. Na resenha de 2008, essas estratégias são listadas, incluindo a ativação dos conhecimentos prévios do aluno até o trabalho com a intertextualidade.

*2) Produção escrita:*

As atividades de produção escrita sempre foram avaliadas positivamente, embora seja perceptível a melhora da coleção nesse aspecto ao longo das edições do PNLD.

A coleção propõe a produção escrita em diversos gêneros e tipos textuais. Os contextos de produção são bem definidos, com objetivos e destinatários bem delimitados, faltando só a explicitação do *“dialeto e o registro a ser empregado”* (Guia 2005: 177).

O Guia 2008 (p. 128) resume bem como esse componente de ensino é trabalhado nesta coleção:

Quanto à produção de textos escritos, a coleção explora muitos gêneros e tipos textuais com atividades variadas. A escrita é encarada como processo e trabalhada desde o planejamento e execução até a revisão e, em alguns casos, até a edição para publicação. Há clareza quanto aos objetivos e instruções das

atividades e aos critérios de avaliação dos textos produzidos, com roteiros de revisão e auto-avaliação detalhando os aspectos a serem considerados.

Reproduziremos uma atividade de produção textual em que esses aspectos positivos – escrita como processo, proposta de revisão, linguagem adequada ao contexto da história etc. – podem ser observados:



## Produzindo seu texto

Pode-se pedir aos alunos que reúnam suas histórias num "Gibi da 5ª série". Nesse caso, deve-se padronizar o tamanho das folhas. Depois o gibi pode circular entre os alunos, que poderão levá-lo para mostrar aos pais e irmãos. (Se possível, tirar cópias coloridas e doar uma à biblioteca.)

Veja ao lado um modelo de argumento (resumo de enredo) para uma história em quadrinhos. Vocês vão desenvolver o argumento, fazer o esboço dos quadrinhos e, finalmente, o acabamento. É interessante trabalhar em grupo, como uma verdadeira equipe de criação: um aluno detalha o argumento, criando as situações e os diálogos; outro faz o esboço dos desenhos com as falas; aquele que mais gostar de desenhar faz a arte-final, as letras e o papel do colorista.

Macaco é usado como cobaia para experiências espaciais. Por causa da radiação que recebeu no espaço, volta à Terra superinteligente. O bichinho acaba sendo seqüestrado por um malvado vilão. O pior: depois de perder a sua inteligência, o macaco é nomeado diretor da NASA.

**Atenção!**

- ✓ O texto acima é apenas um **modelo**. Vocês devem criar seus próprios argumentos, de acordo com o interesse do grupo.
- ✓ É importante que vocês utilizem os recursos que estudamos: legendas, tipos diferentes de balões, onomatopéias e interjeições.
- ✓ Caprichem também nas expressões das personagens.
- ✓ Utilizem nível de linguagem adequado às personagens e à situação que retratarem.



## Auto-avaliação

Quando terminarem os trabalhos, exponham-nos no mural da classe. Mas, antes disso, é importante observar se:

- o argumento foi bem desenvolvido (tem começo/meio/fim);
- os diálogos estão interessantes;
- foram utilizados os recursos sugeridos;
- a linguagem está adequada às personagens;
- o arte-finalista trabalhou bem (as letras estão legíveis e os desenhos bem delineados e pintados).



### 3) Conhecimentos Lingüísticos:

Em relação ao trabalho com os conhecimentos lingüísticos, a coleção mostrou-se insuficiente em todas as avaliações. Desde a primeira avaliação, esse componente de ensino foi considerado normativo e estruturalista, estabelecendo pouquíssima relação com os usos efetivos da língua. É um trabalho explícito de reprodução do que está nas gramáticas normativas. As análises não extrapolam a frase, isolada e, comumente, descontextualizada.

Os exercícios se propõem a treinar o aluno por meio da repetição, com acúmulo de informações gramaticais prescritivistas. Predominam exercícios do tipo “siga o modelo”, “copie”, “reescreva de acordo com a norma culta”, “classifique”, “identifique”.

A partir da resenha de 2005, percebemos que há tentativas de induzir o aluno a refletir sobre a língua e elaborar suas próprias conclusões. Mas isso se dá em atividades ainda mecânicas, com exercícios de memorização. Em 2008, há um tratamento adequado da variação lingüística, embora o foco do trabalho sejam as frases isoladas. Mesmo com essas tentativas, o “*estudo gramatical extenso e descontextualizado*” (Guia 2008: 127) é o ponto fraco da coleção.

### 4) Atividades orais / Linguagem oral:

Nas três primeiras edições do PNLD, esse trabalho era realizado por meio de atividades simples de debates, leituras em voz alta, “*ou ainda, a interpretação de textos memorizados*” (Guia 2005: 178). Não havia intenção de ampliar a competência discursiva oral dos alunos. As distinções entre fala e escrita não eram exploradas, bem como as variedades da modalidade oral e os gêneros tipicamente orais, com omissão dos “*traços da língua padrão, relacionados aos gêneros formais/públicos da linguagem oral*” (*ibidem*). Não havia, efetivamente, um trabalho com a linguagem oral.

No entanto, o trabalho com a linguagem oral parece ter melhorado no PNLD/2008. Todos os aspectos antes criticados agora são elogiados: são propostos diversos gêneros (debates, mesas-redondas, narração de histórias, entrevistas), com detalhamento das condições de produção e de avaliação, são exploradas as diferenças entre oralidade e escrita e abordados os contextos de comunicação social em que, “*dependendo do gênero e da situação, a variedade lingüística padrão é exigida na oralidade*” (Guia 2008: 129). Ou seja, “*a produção de textos orais é um aspecto especialmente bem trabalhado na coleção*” (Guia 2008: 128).

Vejamos uma explicação da coleção inscrita na edição mais recente do PNLD que motivou a análise positiva descrita na resenha:

A partir da leitura e de suas conclusões podemos fazer uma importante reflexão sobre a escolha da linguagem de acordo com o objetivo de cada texto.

Vimos que as pessoas não falam todas da mesma forma, mesmo morando num mesmo espaço, numa mesma época. O uso que cada falante faz da língua também varia de acordo com o seu nível de instrução, a sua idade e a situação em que o ato da fala acontece. Um jovem e um senhor idoso têm repertórios diferentes; um professor não se expressa exatamente como seu aluno.

Além disso, um **mesmo indivíduo** pode usar, em dada situação, uma linguagem formal e, em outra, expressar-se de maneira informal. É a **situação de comunicação** que vai indicar para o falante se deve usar uma ou outra linguagem: quando entre amigos, usamos, sem preocupação, uma linguagem mais livre, coloquial; quando precisamos escrever uma carta comercial, pedir um emprego, responder a um anúncio, fazer uma prova, usamos linguagem formal, procurando obedecer às regras do padrão culto.



**Atenção:**  
Não se trata de saber se a norma culta é melhor que a coloquial. O importante é conhecer **também** a norma culta para empregá-la sempre que necessário.

41

(5ª série, p. 41)

Embora uma confusão no uso das terminologias *padrão culto* e *norma-padrão*, vimos que a coleção se preocupa em contextualizar as produções orais, de modo a justificar as variedades existentes na fala.

O **manual do professor** é claro e apresenta orientações corretas ao professor. Além das respostas dos exercícios, da apresentação da metodologia abordada e da estrutura da coleção, ele traz boas sugestões de leitura.

### No PNLD 2008...

A coleção faz um trabalho muito bom com as **variedades lingüísticas** do português brasileiro. Embora ainda haja uma certa confusão com as terminologias “norma culta”, “português padrão” etc., há uma preocupação em mostrar que não há uma

variedade lingüística melhor que outra e que as “variedades erradas” são frutos de um preconceito social escondido por trás de um preconceito lingüístico<sup>28</sup>.

Vejamos como essa postura se reflete nas explicações e nas atividades propostas:

## NORMA CULTA E VARIEDADES NÃO-PADRÃO

Até aqui, vimos que, embora a maioria da população fale português, nossa língua apresenta muitas variações. A língua varia com o **tempo**, varia de acordo com o **espaço** em que é falada... Temos ainda outros tipos de variedades: socioeconômicas, de nível de instrução, urbanas, rurais etc.

Embora todas as variedades de uma língua tenham recursos suficientes para desempenhar sua função de comunicação entre as pessoas, algumas são menos valorizadas que outras. Por que isso acontece?

A partir do momento em que se elege uma forma de se expressar como **padrão**, as pessoas mais desinformadas e preconceituosas começam a considerar as demais variedades como “erradas”, “inferiores”, e não apenas

**Português padrão** é o empregado por escritores, jornalistas, pelas instituições oficiais, pelos órgãos do poder. É a maneira de se expressar mais prestigiada, a que segue a norma culta, literária, os padrões próprios da escrita.

<sup>28</sup> Sabemos que o problema não é o falar “errado” em si, mas ser pobre, analfabeto, negro, mulher, morador de periferia ou zona rural e tantas outras características passíveis de discriminação. Para ser “politicamente correto”, um indivíduo não critica o outro por causa de todas essas características que acabamos de citar, mas apega-se à linguagem, que é, simplesmente, diferente, para ser foco de avaliação e julgamentos.

diferentes. Leia e reflita sobre o que diz o trecho a seguir, fragmento de uma novela em que o autor, por meio de um diálogo entre três universitárias e uma professora, nos faz repensar a maneira de encarar as variedades não-padrão.

— A primeira reação de um falante escolarizado diante do **PNP** é considerá-lo um “português errado, corrompido, estropiado”. A noção de erro é muito cômoda, pois ela dispensa a gente de ir mais fundo e descobrir as verdadeiras razões que levam o PNP a ser como (...) é. Na verdade, Sílvia, ela não enfatiza as diferenças **lingüísticas**, mas sim as diferenças **sociais** (...). Podemos até criar um refrãozinho: “Onde tem **variação** também tem **avaliação**”. Quando nós, falantes escolarizados de uma variedade urbana culta, rimos (ou temos pena) de alguém que diz prantá no lugar de plantar, aproveitamos essas diferenças de pronúncia para mostrar que **nós não pertencemos àquela classe social**, àquela comunidade “atrasada”, que não fazemos parte daquele grupo desprestigiado... Queremos deixar bem clara a distância **social, econômica e cultural** que existe entre nós e aquele falante de não-padrão. E é daí que nasce o preconceito lingüístico...

— Mas não só o lingüístico, não é mesmo, Irene? — apressa-se em acrescentar Emília. — Acho que todo tipo de preconceito nasce disso. Basta um pequeno detalhe para tentar justificar a discriminação... Afinal, o que é que diferencia uma pessoa negra de uma pessoa branca, por exemplo? A cor da pele, e nada mais... Todo o resto é igual: boca, olhos, nariz, cabelo, ouvidos, pés, mãos, pele, osso, sangue, cinco sentidos, infinitos sentimentos, incontáveis sensações... Mas na hora de discriminar, de fazer a separação, é a diferença mínima que conta...

(Marcos Bagno. *A língua de Eulália*. São Paulo, Contexto, 2000. p. 32 e 38.)

**PNP** (português não-padrão): engloba as variedades menos prestigiadas por não seguirem as normas da língua culta, do português padrão. Essas diversas variedades não podem ser encaradas como meras distorções, sob pena de estarmos menosprezando a cultura e a história de nosso país.

Antes de pedir aos alunos que respondam as perguntas abaixo, solicite-lhes que digam o que entenderam e o que acham mais importante no texto. Pode-se pedir que cada aluno destaque um ponto. (Ver sugestão em *Estratégias de Leitura*, no Manual do Professor).

1. Depois de ler o texto acima, o que você diria a pessoas que discriminam quem fala de maneira diferente da sua? (Por exemplo, da pronúncia de quem mora em outra região.)

Espera-se que o aluno aponte que essas pessoas, julgando-se superiores, são apenas desinformadas e preconceituosas.

2. Segundo o texto, por que existe preconceito lingüístico?

Espera-se que o aluno, de alguma forma, aponte que, além da **desinformação**, o preconceito alimenta-se das diferenças sociais: um falante de um grupo econômica ou culturalmente mais privilegiado, por meio de atitudes preconceituosas, pretende deixar claro que não pertence àquele grupo social “desprestigiado”. (Aceitar diferentes respostas.)

3. Se não há maneira errada de falar, por que estudar a **norma culta, o português padrão** na escola? Discuta com seus colegas e depois apresentem as conclusões à classe e ao (à) professor(a).

Seria importante que o aluno percebesse que é necessária uma ortografia única para que todos possam ler e compreender o que está escrito. Além disso é importante apontar que todos devem ter o direito de conhecer e dominar **também** essa outra forma de se expressar, mais prestigiada, que permitirá o acesso à produção cultural acumulada por muitas gerações. É importante também conhecer diferentes padrões de fala e escrita para que se possa escolher o que utilizar em diferentes situações de comunicação.

A coleção orienta o trabalho com as variedades no intuito de explicitar que vários fatores, como pertencimento a um grupo social, região geográfica, época, contexto cultural etc., determinam qual será a variedade usada. Além disso, não perpetua o mito de que a língua portuguesa do Brasil é, ou deveria ser, igual à de Portugal, Angola, Moçambique e demais países que a têm como língua oficial:

## A LÍNGUA E SUAS VARIEDADES

Conforme o que vimos na Unidade anterior, você pode concluir que **língua** não é sinônimo de **linguagem**.

A **língua** é uma das formas de linguagem — uma forma que utiliza palavras. Como é produzida e desenvolvida dentro de contextos sociais e culturais, pessoas de diferentes grupos sociais empregam-na de modos diferentes, em diferentes momentos históricos e diferentes espaços geográficos.

Quando nos referimos à “Língua Portuguesa” estamos falando de uma unidade que se constitui de muitas variedades. Embora no Brasil haja apenas uma língua nacional, notam-se diferenças na pronúncia, no vocabulário, na maneira de organizar as palavras na frase. O português falado em Portugal não é o mesmo que se fala no Brasil, tampouco se fala da mesma maneira em todas as regiões brasileiras. Um jovem não fala como o faziam seus avós; não escrevemos exatamente como falamos. Uma pessoa não se dirige ao seu chefe da mesma forma que se dirige a um amigo...

Vamos falar um pouco dessas diferenças?

### Diferenças do português em regiões distintas

Embora a língua oficial do nosso país seja o português, não a empregamos exatamente da mesma maneira que outros povos que também falam português — como os habitantes de Portugal, de Angola, de Moçambique...

(5ª série, p. 34)

A coleção falha, no entanto, ao trazer, como exemplo de variedade lingüística, apenas a variedade da região sul do país – a clássica fala do gaúcho.



## Pesquisa

1. Você conhece expressões usadas em Portugal que causam estranheza ao brasileiro? Procure informar-se. Depois, traga o resultado de sua pesquisa para seus colegas.
2. As diversas regiões do Brasil também apresentam diferenças de pronúncia e de vocabulário.

Veja o trecho abaixo, reproduzido de *Contos gauchescos e lendas do sul*, de Simões Lopes Neto.

“...Se o negro era maleva? Cruz! Era um condenado! Mas, taura, isso era, também!

Quando houve a carreira grande, do picarço do major Terêncio e o tordilho do Nadico (filho de Antunes gordo, que era rengo), quando houve a carreira, digo, foi que o negro mostrou mesmo pra o que prestava...; mas foi caipora. Escuite.”

(O negro Bonifácio, p. 24)



Pedir aos alunos que apresentem o resultado da pesquisa, completem os dados e guardem o material para executarmos o projeto proposto na Unidade 3.

Vocabulário de *Contos gauchescos*

**maleva** – genioso  
**taura** – valentão  
**picarço** (v. de pigarço) – cavalo de cor grisalha  
**tordilho** – cavalo de pêlo negro  
**rengo** – manco  
**caipora** – má sorte

Verifique se há no texto palavras que não são usadas na região em que você vive. Depois procure em um dicionário o que significam.

Minidicionários dificilmente registram variantes regionais.

Converse com pessoas que vieram de outras regiões do país e informe-se sobre palavras que, como não são utilizadas em nossa região, também precisariam de um “dicionário” para esclarecê-las.

Traga o resultado de seu trabalho para a classe e, juntamente com seus colegas e com o (a) professor(a), faça uma relação das palavras encontradas e seus respectivos significados.

(5ª série, p. 35)

O excerto proposto para análise é parte de um texto *literário*, *antigo* – Simões Lopes Neto faleceu em 1916 – que tenta, estilizada e artisticamente, reproduzir a fala típica do gaúcho da zona rural daquela época. Não se trata, portanto, de um texto de fala regional autêntica. É muito provável que as crianças gaúchas urbanas – e mesmo as rurais – de hoje não compreendam muitas ou até nenhuma das palavras empregadas no

texto como exemplos das variedades regionais sulistas. Esse é um problema recorrente nos livros didáticos: usar textos não-autênticos, literários, como suporte para reflexão das variedades regionais – o mesmo acontece com a ampla utilização de historinhas do Chico Bento, de Maurício de Souza, que são analisadas como se fossem representações fiéis da fala rural, que não é única nem homogênea.

No que tange ao trabalho com os **pronomes**, a coleção inova ao apresentar explicitamente *você/vocês* como pronomes pessoais.

Os pronomes que representam as pessoas do discurso recebem o nome de **pronomes pessoais**.

Pessoa do discurso	indica	
primeira pessoa	quem fala	eu, nós
segunda pessoa	com quem se fala	tu, você, vós, vocês
terceira pessoa	de quem se fala	ele, ela, eles, elas

(5ª série, p. 200)

Mas, logo na página seguinte, há uma incoerência: os pronomes *você/vocês* saem da tabela, apesar da explicação subsequente dizer que o *você* é muito mais usado do que o *tu*, e que o *vós* tem uso bem restrito:

Em Português, os pronomes pessoais são:

	Pronomes pessoais			
	Retos		Oblíquos	
	singular	plural	singular	plural
1ª pessoa	eu	nós	me, mim, comigo	nos, conosco
2ª pessoa	tu	vós	te, ti, contigo	vos, convosco
3ª pessoa	ele, ela	eles, elas	se, o, a, lhe, si, consigo	se, os, as, lhes, si, consigo

O pronome “vós” é pouco usado atualmente, praticamente restrito a situações muito formais, textos bíblicos e literários. No lugar dele, é empregado o pronome de tratamento **vocês**. Em muitas regiões do Brasil, o pronome de tratamento **ocê** é muito mais usado que o **tu** para indicar **a pessoa com quem se fala**.

Voltaremos aos pronomes retos e oblíquos depois de estudarmos sujeito e complementos verbais.

## Pronomes de tratamento

Observe:

A **senhora** quer registrar a queixa?

**Vocês** encontraram o ladrão?

As palavras em destaque são **pronomes de tratamento**:

- referem-se à segunda pessoa do discurso, isto é, à pessoa com quem se fala;
- vêm acompanhados de verbos, pronomes oblíquos e possessivos na terceira pessoa.

Este quadro apresenta alguns pronomes de tratamento e seu uso. Vamos lê-lo?

Pronomes de tratamento	Abreviaturas	Emprego
Você	V.	trato familiar
Senhor, Senhora	sr., sra.	tratamento de respeito
Vossa Senhoria	V. Sa.	peçoas de cerimônia
Vossa Excelência	V. Exa.	altas autoridades
Vossa Eminência	V. Ema.	cardeais
Vossa Santidade	V. S.	papa
Vossa Alteza	V. A.	príncipes, princesas
Vossa Majestade	V. M.	reis, rainhas

(5ª série, p. 201)

Dessa forma, a coleção inova, mas não consegue se desvencilhar da tradicional classificação prescrita na gramática normativa.